

Os Dias da Criança

JOÃO GOMES-PEDRO

A Clínica Universitária de Pediatria de Santa Maria decidiu celebrar, em 1998, o dia que os «marketings» internacionais designaram como «Dia Mundial da Criança».

O paradoxo aí está brutal, directo, insofismável.

Todos percebemos e sentimos que o «Dia da Criança» é ou deverá ser cada dia de existência humana, cada dia da nossa vida.

Autoine de Saint Exupéry, pela boca do seu «Petit Prince» lembrou-nos que todas as pessoas crescidas, todos nós afinal, já uma vez fomos crianças!

Se bem que os segredos da reposição neuronal tenham determinado o «esquecimento» de muitas das vivências da nossa infância, creio que quase todos assumimos uma nostalgia de saudade da nossa meninice e, porventura, uma certa frustração de não sermos capazes de lembrar mais, de não conseguirmos trazer ao domínio do consciente mais recordação, mais perspectiva, mais evidência.

Se é que para muitos de nós, muitas das melhores emoções do quotidiano são povoadas pelas melhores recordações da infância, para muitos outros, forças brutais do ser afectivo e mental empurram o passado para as trevas do esquecimento, procurando não trazer à luz da confrontação do presente, as lágrimas da injustiça, o pesadelo da agressão, o pesar do não brincando, a angústia do mal amado.

«Todas as pessoas crescidas já foram crianças uma vez» poderá ter sido, para muitos mais uma oportunidade feliz para recordar, quando porventura, depois de acordados, alguém lhes lembrou, na rádio, num qualquer jornal ou no café da manhã que o dia 1 de Junho era o Dia da Criança.

Porém, o que o «Petit Prince» nos diz do alto do seu «asteróide» qual só mais uma estrela que, de repente, sentimos como nossa, na imensidão dum firmamento azul é, porventura, quase o mesmo em palavras mais brutalmente diferente em sentido – «*todos vós já fostes crianças uma vez*», crianças mais de um terço da vossa vida!

E todo este tempo não deu para ajuizar, para resolver, para decidir que o resto da vida não pode deixar de ter um só sentido, um só objectivo, uma só razão de ser?

Eu creio que o que o «Petit Prince» nos quer dizer, qual sentido de coerência da nossa vida feito superego, feito resiliência em cada novo dia é o de que a nossa missão de cidadãos do mundo, em cada um dos nossos «asteróides» é, tão só, a de fazer proporcionar a cada uma das crianças por que somos responsáveis, a cada uma das crianças que connosco coabita entre ovelhas, flores e baóbás, a oportunidade de ter acesso a tudo que mais amamos e desejamos.

Cada criança seria, assim, a flor que cada dia temos que regar para que nunca, nunca mais, essa flor se possa esquecer que fomos nós que a fizemos crescer, de modo a poder de flor, passar a raposa, a estrela, a um novo «Petit Prince».

A viagem de cada um de nós pela criança que fomos tem muito a ver com a viagem que temos de fazer para fazer da nossa missão na terra a de regadores da flor sentida como nossa responsabilidade.

Esta viagem terá muito a ver com a epopeia dos nossos descobrimentos que me apetece visitar hoje e aqui quando tão perto de nós, num ano em que também se celebram 500 anos da aventura do Gama, muitas quinhentas mil pessoas percorrerem num imaginário de oceanos, um certame que custa muitos quinhentos mil a todos nós e onde será preciso reencontrar, tal como cada nova flor ou nova estrela num planeta e num universo que temos de querer manter verde e azul, a criança que fomos e que somos, em cima dos pavilhões maravilhosos que construímos, em cima das cidades que povoamos, em cima do país que partilhamos, em cima da Europa que esperamos, em cima do mundo onde vivemos.

Tal como os navegadores de outrora, a criança que vive no mesmo mundo em que vivemos permanece extremamente vulnerável face a toda a espécie de risco e ameaça.

O risco foi o companheiro do destino dos nossos navegadores.

O risco é, ainda, a companhia-ameaça das nossas crianças.

Já não é mais o medo do infinito, o temor das profundezas do oceano, do afundamento eminente.

As nossas crianças, em cada instante da sua vida vivem o risco de não terem quem as proteja da sua extrema vulnerabilidade nas suas próprias casas, nas escolas, nas ruas, nas estradas, no ar respirado, no direito a ser e a ter.

Para alimentar de sonho a história, os navegadores tiveram os poetas que cantaram as epopeias, os feitos, as descobertas.

Hoje, temos que ser todos a refazer Camões num outro jeito de força pela criança.

O outro elemento a marcar o destino da nossa epopeia marítima, foi o vento.

De facto o rumo das nossas caravelas dependia do vento que identifico simbolicamente com o ambiente em que vivem as nossas crianças e os nossos jovens e dependia também das velas que a caravela portuguesa erguia como trunfo e que eu me permito comparar com a adaptação que as espantosas competências do desenvolvimento humano conseguem promover para fazer face às ameaças que pairam sobre a imaturidade fisiológica, psicológica, afectiva e moral da criança.

Ora o que está acontecendo na nossa sociedade é que o limiar da adaptabilidade está a ser ultrapassado, isto é, o espantoso equilíbrio e complexidade das velas das caravelas tão perfeitas quanto são as criaturas humanas está a deixar de sustentar a intempérie.

Faltará para o completar da imagem falar do elemento principal que fez o sonho ser português. Refiro-me à caravela ela própria e, com ela, aos seus instrumentos de navegação.

A caravela representou um avanço extraordinário na navegação de então e o astrolábio era, também, um instrumento tremendamente complexo que exigia extrema perícia e técnica para com ele a caravela poder chegar a bom porto.

O paralelo que represento hoje face aqueles elementos identifico-o com o conhecimento científico que temos hoje, nomeadamente face ao bebé, às suas competências, às suas necessidades e às suas descobertas.

A caravela representará, hoje e sempre, a identidade deste bebé repleto.

O sonho de Cabral e de Gama, tem de ser reproduzido, cada dia mais, na força de uma identidade valorada e povoada em cada criança e em cada jovem, através dessa procura de conhecimento que tem de ser imparável, dum saber que carece de mais investigação e, por isso, de mais apoio para fazer vingar mais progresso no planeta onde vivem as nossas crianças e onde habita, com elas, a esperança qual sonho quinhentista recriado.

É evidente que não podemos parar o vento, nem impedir a violência dos oceanos nem transformar profundezas abissais em águas baixas de baía recolhida.

O desafio de hoje é o de reforçar as forças, permita-se a redundância.

Temos de aprender a ganhar mais saber, a usar melhor esse saber, a transmitir mais e melhor o saber, o querer e o sentir, para tornar mais fortes as caravelas – identidade dos nossos filhos e netos, a manejar melhor as novas velas das suas aprendizagens e vínculos, para inventar novos astrolábios feitos projecto e coragem, temos, enfim, de reinspirar a força de Camões para que o poema seja grito e a epopeia seja alerta.

A força de que precisamos é representada hoje por todos os que acreditam na luta pela paz, no interior diferente de cada criança.

Hoje e sempre, serão as diferenças e a pureza dessas diferenças que recriarão o oceano da nossa solidariedade.

O príncipezinho recorda-nos que já fomos crianças ou seja que temos de ser responsáveis pela criança que já fomos, reassumida em cada uma à nossa guarda.

É que afinal todas estão à nossa guarda!

E por tudo isto é que cada dia tem de ser um dia da criança, por nós lutado e por nós vencido.